

MAHLER: SINFONIA DA RESSURREIÇÃO

Barbara Aniello*

para Davide

Três afirmações e quatro interrogações. Assim Sena medita sobre o sentido da vida. Como noutros lugares da sua poesia, também aqui a escuta parece simultânea à escrita. Ouvindo a 2ª Sinfonia de Mahler, Sena trilha um caminho tortuoso para buscar o fio perdido que o leva, através do labirinto terreno, até ao transcendente. Tal como o compositor, o poeta não é um homem de fé, mas um “buscador de Deus”. Uma busca, esta, que às vezes se traduz num não-encontro.

“Sons”, “furiosa”, “fúror” onomatopeicamente restituem o clangor do órgão, das campanas, dos coros que explodem nos *fortissimi* que sustentam a peça inteira. Pelo contrário, “silêncio”, “paz”, “eternidade” remetem para os *pianissimi* nos quais se aplaca o ímpeto do compositor. Numa viagem desde a morte até a eternidade, a partitura articula-se em percursos melódicos *per aspera ad astra*, onde sepulcro e céu lutam no próprio implante harmónico da peça, desde o sombrio *dó menor* inicial até ao mais solar *mib maior* conclusivo.

Os primeiros três versos de Sena recalcam num *crescendo* poético o *crescendo* musical do grande andamento apocalíptico de Mahler, não apenas verbalmente, mencionando “ímpeto”, “gritos” “fúror tamanho”, mas sim tecnicamente, através de anáforas (“ante”), antíteses (“sons e silêncio”), oxímoros (“furiosa paz”, “existir-se eterno”). Estamos no limiar do Paraíso, na passagem do 3º ao 4º andamento: aqui o grito pessoal do compositor é interpretado pelos instrumentos de sopro metais, que arrastam a orquestra toda num ensurdecedor *cluster* que Mahler comenta assim: “A vida então parece sem sentido, um pesadelo aterrorizante do qual tentamos sacudir-nos com um grito de horror”.

Contra esta trágica chegada perante ao Juízo Final, surge uma voz meditativamente doce, executada pelo contralto que sussurra, melancólica, um *lied* de Brentano: “O homem jaz na maior miséria, no maior horror, ah se eu pudesse estar no céu”. Aqui o homem, aspirando ao céu, luta com um anjo que o quer desviar, mas a sua fé sobressai: “Eu sou de Deus e quero voltar a Deus. O amadíssimo Deus dar-me-á uma pequena luz, iluminar-me-á até a bem-aventurada vida eterna”. Daqui o título do andamento “Urlicht” (Luz primordial). Na partitura um tema ascensional contrapõe-se à marcha fúnebre inicial, mas esta ascensão não conhece conclusão, é uma invocação que fica em aberto, no dueto que o contralto tece com o oboé, bordando melodias opostas sobre a palavra “céu”.

Da mesma maneira, nas suas quatro interrogações, Sena luta com a dor em vista da felicidade definitiva. Tal como a música troca o ritmo binário pelo ternário, expressando agitação e desassossego, assim lê-se a inquietação no poema, desenhando as perguntas quatro escadas de Jacob que sobem até ao céu, depois da angélica luta. A contenda entre o clarinete e o primeiro violino ecoa nos últimos versos senianos. Tal como as dinâmicas mahlerianas, as interrogações enfrentam-se numa progressão emotiva cada vez mais intensa. A criatura chega ao seu Criador. Aqui o relativo e o absoluto, a realidade e o sonho, a finitude e o infinito enfrentam-se. Com estas quatro perguntas intimistas, Sena numerologicamente remete para o homem, enquanto os três versos iniciais designavam a divindade.

No verão de 1893 o compositor sai duma longa paralisia criativa, inspirando-se num poema de Klopstock: “Ressurgirás, ressurgirás minha cinza, depois de um breve descanso, vida imortal dar-te-á quem te chamou”. A estes versos Mahler acrescenta de seu próprio punho: “Com asas que conquistei livrar-me-ei num ardente ímpeto de amor até a luz que nenhum olho já penetrou”.

Estas ultimas palavras condizem com a visão humanística de Sena, vislumbrável em filigrana no final do poema.

Sena não é exactamente um “buscador de Deus”, é mais um buscador do homem que procura Deus sem o encontrar. Mas é esta mesma busca que restitui sentido existencial. Assim a dúvida leva à certeza, a inquietude à paz, o sonho à realidade. O céu está na própria terra que aspira a ele e por isso jamais lhe será retirado. É este o “sonho real” que Sena deixa como um legado no verso final e que Mahler assertivamente declara em tonalidade maior, na conclusão inesperada do seu poema musical. Quase pintando um Juízo Final, num tremor de terra, Mahler imagina multidões de almas em direção ao Grande Juiz. Explosão e serenidade alternam-se. A tensão máxima é alcançada pela banda que toca fora de cena, com as trompas suplicando misericórdia. Então tímpano, flauta e flautim ficam sozinhos na desolação de uma orquestração vazia, é “como se um derradeiro pássaro, último sobrevivente da terra, cantasse”, diz Mahler. Do nada surge o Hino final, enquanto o coro sussurra a *bocca chiusa* o misterioso, angélico, apelo à vida eterna.

Mahler alcança a Ressurreição e, com asas de Ícaro, voa no Além. Sena, na soleira do Paraíso, fica aquém, tentando em vão abater as Portas que o levariam até ao Infinito.

* Historiadora de arte, musicóloga e violoncelista. Dada a sua dupla formação, ocupa-se de Estética Comparada das Artes e de Iconografia musical desde a Idade Média até a Contemporaneidade. É professora auxiliar de Iconografia cristã na Pontificia Università Gregoriana em Roma.